



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVOLÚCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIRE-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE05582008GRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

10 de Abril de 2010 • Ano LXVII • N.º 1724
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

Gente das Letras ao Encontro de Pai Américo

A data desta edição do Encontro já foi. Não importa. O GAIATO é um jornal intemporal. Ou não fosse Cristo, o *Hoje eterno*, o seu Inspirador e o seu Tema! Plenamente incarnado na vida de todos os dias de uma Humanidade sofredora, a notícia para ele é investigar o porquê de cada sofrimento, mitigá-lo logo quanto possível e denunciar-lhe as causas para que se evitem, se corrijam, pois elas são sempre da espécie do *desamor* que contraria o *Mandamento Novo* e é caldo de cultura para todas as injustiças.

Nasceu este Encontro da inquietação em mentes e em corações de Universitários. A Universidade é lugar do Saber. Contudo, o Saber não é autêntico se não impulsionar o *Homo Sapiens* para o amor efectivo, fecundo, que tornará mais feliz a convivência entre os homens.

Eu creio que todo o Sábio é um apaixonado. Mas há que estar lúcido e ter coragem para distinguir e seleccionar entre metas que vai atingindo, o caminho da Meta que é a Verdade, irmã gémea da Justiça — ambas contexto adequado à Paz. Creio que vale também para os Sábios o princípio fundamental que a Sabedoria em Pai Américo o fez afirmar: «Sem Humildade, nada!»

Desta sorte é o espírito que se deseja dominante neste Encontro que vai ser e ao qual esperamos voltar.

Hoje, e ao jeito de legenda do cartaz de que se publica a foto, juntamos o texto que nos foi dado pela Organização do Encontro, o qual explícita a sua oportunidade e a sua intenção específica.

Padre Carlos



«A reedição de uma antologia de textos de Padre Américo em 2008 constitui o pretexto para a realização de uma mesa-redonda que visa destacar e divulgar uma das dimensões menos estudada do fundador da Obra da Rua, ou seja, a da originalidade literária dos seus escritos.

Três professores universitários, das Faculdades de Letras e de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, procurarão estabelecer o contexto histórico, o inovador método pedagógico e, sobretudo, o vigor e a criatividade dos textos de Padre Américo.

Trata-se, portanto, de trazer uma vez mais a Obra de Padre Américo a um meio académico, esperando que a iniciativa renove o interesse pelo conhecimento e pelo estudo da produção literária de uma das mais singulares personagens do século XX português.»

Senhor, chamai e permiti que sejais escutado!

HOJE, ao almoço, em plena pausa escolar da Páscoa, deitámos os olhos, longamente, pela sala de jantar... A alegria dos Rapazes, partilhando a refeição num ambiente de verdadeiro convívio familiar, no qual a espontaneidade e o respeito são pauta regulamentar, fez-nos recordar o encontro desta manhã com alguém que nos procurou para fazer alguns «reparos» de forma construtiva — como fez questão de sublinhar ao apresentar-se.

Tais «reparos» manifestavam algumas preocupações sobre o nosso modo de ser, de viver e educar. A preocupação dominante, ei-la: «Como é que Rapazes educam Rapazes...?» Depois fazia acertos afinando pelo «diapasão» da evolução de métodos, de tempos históricos, de inovações pedagógicas. E, voltando «à carga» — manifestando sempre um tom construtivo e positivamente inquieto — «como é que um Padre e uma Senhora, apenas, conseguem ser pai e mãe de tantos ao mesmo tempo...?»

A pessoa em causa não conseguia disfarçar que algo a inquietava — também o seu caso pessoal... — Quis saber, por isso, como é que o Padre Américo chegou à «formulação» pedagógica da Casa do Gaiato. Como a resposta não podia ser meramente «livresca» saímos e fomos à Casa-Mãe. Depois marcámos novo encontro.

Pareceu-nos que não nos procuraria se não andasse inquieta... até porque outros e outras colegas de ideal procuraram um caminho diferente. Isto é, diante do “incompreensível”, afastaram-se... Ela, porém quis vir, falar e saber mais. Veio só de manhã que, à tarde, tinha compromissos profissionais decorrentes de actividade de turno.

Diante de alguns «reparos» curiosos que fez, tentámos elucidar — sem menosprezar nem relativizar — reconhecendo «grandezas»

Continua na página 3

MOÇAMBIQUE

Padre José Maria

É o milagre da ressurreição

ANTES do começo das aulas chegaram os nossos mais novos. Alguns tão pequeninos que ainda não têm registo, nem história e o nome é ocasional. Apenas sabem comer à mão, negam-se a andar pelos seus pés. Berram quando não conhecem a comida, negam-se a comer salada de alface, tomate e cebola. É preciso levar-lha à boca, bem misturada com o arroz ou a xima. Mesmo assim choram e é preciso muita paciência, para que ao fim da semana, com a colher e ainda a ajuda do chefe da mesa, comecem a apreciar e riam de satisfeitos quando se passa junto deles.

Passado um mês já não há problema e até querem a faca e o garfo. Mas a comida sai do prato sem controlo. Outra dificuldade é no andar. Dois deles habituados à capulana e a passar do chão para o berço, não aceitavam que lhes tomasse a mão, para andar. Tinham de ser levados ao colo, o que até outros, pouco maiores que eles, faziam e ainda fazem

com agrado. É o jeito africano de os irmãos maiores levarem o seu pequenino. Se são meninas levam na capulana, à maneira da mãe.

Hoje é difícil segurá-los na mesa ou na Capela. Correm com uma desenvoltura que encanta. Vê-se-lhes no rosto a felicidade. Se alguém atrapalha as suas corridas reclamam logo.

Durante a oração da noite na Capela, o Jerónimo, o mais gorducho, quis fazer cambalhotas muito próximo aos degraus do altar. Escorregou e magoou a cabeça. Estava todo triste, cheio de lágrimas e de ranho, quando veio para o meu colo, onde ficou tão quietinho e aconchegado a mim que nem parecia o mesmo. No regresso veio às cavalitas de um que chegou aqui tão pequenino como ele. Foi o Vasquinho que o trouxe nas costas, tirando-o das minhas mãos cansadas e joelhos vacilantes, na descida da Capela.

O outro parceiro de brincadeiras, chegado no mesmo dia, é o

Valentim. Gorducho do mesmo jeito e com a barriga muito volumosa por causa das lombrigas, as pernas arqueadas pela falta de andar, corre atrás do Jerónimo e voltam a correr sem cansar.

O pior é outro bem mais manso, o Ben. Aninha no colo do seu chefe e ninguém dá conta dele. Aqueles dois, mais o Eugénio, o mais refinado, e líder enérgico dos mais pequeninos é um autêntico furacão. Nada o detém. Nas corridas salta para as costas dos adultos que os acompanham ou dos mais velhos, mas depressa largam e volta à brincadeira.

É um delírio para eles. Sem saberem a alegria que nos dão por estarem tão felizes, tão soltos e a crescer saudavelmente, impedem-nos de rezar, de nos concentrarmos por momentos e perante o sorriso de Deus temos de fazer da linguagem deles a nossa oração.

Estamos na Semana Santa. Nesta vida de contrastes alegres e tristes com que é tecida a vida na Casa do Gaiato, se faz a entrega à vontade de Deus, no caminho da transformação, nossa e deles, para integração total na de Deus.

É o milagre da ressurreição que começou. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

PATRIMÓNIO DOS POBRES — No fim de semana passado fizemos uma ronda por quase todas as casas do Património dos Pobres da paróquia. Um pretexto foi convidar os que lá moram para participarem na celebração e no Jantar de Quinta-Feira Santa na Casa do Gaiato, como tem sido boa tradição desde há muitos anos. Uma das pessoas que há uns tempos tinha deixado de vir por razões que não sabemos, desta vez voltou a mostrar vontade de se juntar a nós. Ficámos contentes.

Para além disto, havia vários casos que precisavam da nossa intervenção. Um galinheiro que o morador decide levantar sem a atenção que é devida ao vizinho e à preservação da boa estética destas casas. Reparações que são necessárias no soalho e no telhado antes da entrada de um novo morador (o senhor com epilepsia de que já aqui vos falamos). Resolução amigável de um antigo problema de confrontações e delimitação da propriedade de uma das casas com um vizinho, agora felizmente diferente daquele que, no passado, levantou esse tipo de problemas, apropriando-se indevidamente do que não era dele. Uma casa que racha e mete água devido a problemas de consolidação do terreno onde está assente que não são fáceis de resolver.

Nos casos onde morador pode e deve cuidar destes e doutros assuntos necessários à boa manutenção da casa, fazemos com que seja ele a assumir essa responsabilidade, sob a nossa supervisão. Noutros casos não dá para ser assim e cuidamos nós do assunto. São pequenos nada, mas pequenos nada que, porque vão sendo tratados em devido tempo, nos têm permitido ir mantendo aseado e renovado este património de mais de uma dúzia de casas que tão bons serviços têm prestado e continuarão a prestar a pessoas carenciadas da nossa paróquia.

Votos de uma Santa Páscoa para todos os nossos leitores.

O nosso endereço: *Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.* □

SETÚBAL

Padre Acílio

VINHA — Volto de novo à nossa vinha.

Há anos que não era gradada, tornando-se um matagal de erva, silvas, tojos e pinheiros. Embora, um pouco afastada do olhar diário dos rapazes, o seu estado, tornava-se um influente elemento de deseducação.

Havia que a limpar.

Como o tempo de chuvas sucessivas impedia que, quimicamente, eliminássemos as infestantes, fomos obrigados a fazê-lo nos intervalos, mecanicamente, e entre as cepas, no alinhamento das mesmas, à mão, com as enxadas.

Para quem não está habituado, como os rapazes que estudam, é um trabalho duro. Mas eles lá andam. Cada um com a sua fila. As férias da Páscoa são assim passadas.

Danilo Vezo é o chefe.

Nada, como o trabalho esforçado do campo, para limpar os rapazes.

Quando lerem na Bíblia, a parábola do Profeta, sobre a vinha abandonada, entendê-la-ão mais facilmente.

POMAR — O Pomar grande morreu. A terra não pode ficar abandonada. É um pecado. Nós estamos a formar Homens, na **Justiça**.

O sol e a chuva são dádivas do Céu, que não devemos desperdiçar.

É preciso remover do terreno, as regadeiras antigas feitas de tijolo. Arrancar as laranjeiras, cortar a lenha, carregá-la e arrumá-la!

Lá, anda outro grupo, com um chefe a conduzir o trabalho! É um remédio santo!...

FLORESTA — A experiência de educar rapazes, diz-nos, que um pouco de floresta é importante, para o equilíbrio de quem sofreu muito na sua meninice.

Os eucaliptos centenários que ladeavam as traseiras da nossa casa tinham muitas mazelas, e o terreno, muitos largos desaproveitados. Depois de me aconselhar com técnicos de floresta, resolvemos cortar os eucaliptos, vender os toros a um intermediário da fábrica, que nos pagou uma ninharia, arrancar os cepos — muitos com parte apodrecida — e substituir os eucaliptos por pinheiros mansos e sobreiros. Aliás, árvores que ocupavam já um canto do terreno.

Endireitámos a terra. Lavrámo-la em profundidade e plantámos as mães dos pinhões e as das bolotas e cortiça, com intervalos suficientes para se fazerem frondosas e não se estovarem, quando adultas.

Os rapazes foram os grandes obreiros desta tarefa, carregando a terra orgânica para envolver o torrão das plantas e colocando à volta, esterco e adubo.

Quando, daqui a anos, a maravilha das sombras, a delícia dos pinhões e o produto da cortiça, forem fonte de alegria, para quem aqui habitar, fique sabendo que isto foi obra dos rapazes.

POBRES — Os rapazes gostam sempre de distribuir pelos pobres, os bens que nos dão.

No sábado passado, foi preciso ir ao Barreiro, carregar a mobília de um quarto e duma sala de jantar, oferecida.

Eram quatro horas da tarde. A manhã tinha sido intensa de actividades.

Estava a custar-me pedir aos rapazes este sacrifício, dado que, eles não têm muito tempo de folga.

Mas foram. E, cheios de alegria, regressaram à hora do jantar com tudo carregado, na nossa camioneta.

— *Deixemos a carga para segunda-feira* — alvitrei eu, timidamente. Logo, Júlio Inocêncio retorquiu: — *Não pode ser! Preciso da camioneta para ir ao pão.*

A mobília descarregada, só cá esteve sábado e Domingo, porque na segunda-feira foi toda para a casa de uma família pobre.

E que alegria a dos pobres ao verem a sua casa recheada e enobrecida!

Falei deste júbilo aos sacrificados rapazes.

Nada, como fazer o Bem, para cultivar a Fé!... □

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

FESTA — No dia 27 de Março realizou-se a Festa no Coliseu do Porto que já há muito tempo estava prevista. Nos rapazes a ansiedade ou o «sonho», para alguns, foi realizada, deitando para o palco toda a emoção sentida, antes e após a Festa.

Bem, como já tinha dito, a força de vontade e a boa disposição da parte dos Rapazes, acabou por correr bem. Já diz o velho ditado popular, querer é poder.

A Casa de Paço de Sousa realizou várias categorias: em poesia, com declamação de poemas sobre o fundador da Obra da Rua, o teatro, retratando a vida quotidiana das Casas do Gaiato, onde os nossos tribunais têm como intuito destruir o mal e mostrar que a verdade compensa, o folclore e a música.

A Casa de Miranda do Corvo também foi muito aplaudida na representação pelos mais pequeninos, os *Batatinhas*, com o conto tradicional «O coelhinho branco».

Os Rapazes da Casa do Gaiato de Setúbal recriaram números de dança, com grande esforço e dedicação.

Os apresentadores, o André e o Hugo, estiveram como nunca visto na apresentação dos diferentes números da Festa.

Um obrigado para todas as pessoas que participaram na nossa Festa, humilde e avassaladora.

OBRAS — No bar estão quase prontas. Já se iniciaram as obras na casa 3, a casa dos rapazes com idades entre os 9

e os 13 anos. Esperamos que estas obras sejam rápidas e eficazes; que as divisões sejam adequadas, pois os Rapazes merecem boas condições. Obrigado a todos os que contribuem para as obras de restauração da nossa Casa.

Meirinho

DESPORTO — Pai Américo, foi sempre um Homem apaixonado por todos aqueles que, não tendo «eira nem beira», acabavam por ser, e ainda hoje são, as mais-valias das Casas do Gaiato; preparando-se nelas, se eles quiserem, para serem os homens de amanhã. É com esses, que se constrói a nossa Família e, sem tirar nem pôr, o nosso Grupo Desportivo.

E foi com essas mais-valias, que nos deslocámos à Trofa, mais concretamente ao Atlético Clube Bougadense, para defrontar, naquele belo tapete verde, os Juniores de tão prestigiada Instituição. Vento e chuva, foi o prato forte, naquele sábado de 27 de Fevereiro. Um jogo contra onze atletas — fortes —, mais o poderoso vento. No final dos primeiros 45 minutos, os nossos Rapazes, foram para as cabines a perder por 5-0. Alguns deles, estavam desanimados, o vento, continuava a ser o nosso verdadeiro adversário. E tanto assim foi que, na segunda metade, tudo foi diferente. Apesar de não trazermos a vitória para casa, conseguimos marcar cinco golos, contra seis do Bougadense. Uma derrota com sabor a vitória, já que «Pretinho» — aquele malandro! — falhou uma grande penalidade; e, André «Espanhol», apesar de ter feito

o gosto ao pé, falhou outro, muito mais fácil de concretizar, do que aquele que já tinha marcado. Ainda antes do jogo, estivemos a falar com o treinador — uma velha raposa do futebol — que nos disse ser um verdadeiro admirador da nossa Obra. Falou do «Gari», que eu não conheci, e de outros, como por exemplo: o Roxo, de Setúbal, de quem me lembro perfeitamente. Chamávamos-lhe o «pé canhão». Tempos que já não voltam, e que jamais esqueceremos!...

Uma semana depois, foi a vez de recebermos os homens dos doces: Grupo Desportivo Tamisa (Pastelaria). Rapaziada bem-disposta, educada e respeitadora. Os nossos Rapazes tinham sido avisados..., mas resolveram entrar «naquela» e, quando deram por ela, ia sendo tarde demais. Eles sabem fazer pastéis, mas também sabem jogar a bola. «Bolinhas» faz parte deste grupo de trabalho: tanto a fabricar golos, como pastéis.

Em relação ao jogo, propriamente dito, sofremos o primeiro golo; pouco depois empatamos, por intermédio do André «Garnisé». Eles fizeram o 1-2; e, André «Garnisé», desta vez a cantar de galo, fez novamente o empate. A 10 minutos do fim, «Bonga», eu atrevo-me mesmo a dizer de «raiva», fez um belo golo, fixando o resultado final em 3-2.

Para terminar, não queremos deixar de dar os parabéns ao árbitro. Um neto da Obra, o Bruno, filho do nosso Carlos Alberto.

Alberto («Resende»)

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

SEMANA SANTA E PÁSCOA 2010 — A nossa Comunidade celebrou este tempo, como não podia deixar de ser, na nossa Capela. Assim, a 28 de Março, houve a bênção dos ramos, junto ao cruzeiro, seguida de Eucaristia do Domingo de Ramos. A 31 desse mês, houve catequese. Depois, a 1 de Abril, Quinta-feira Santa, celebrámos a Missa Vespertina da Ceia do Senhor. Na Sexta-feira, pelas 15.00h, celebrámos a Paixão do Senhor. A Vigília Pascal, pelas 21.30h, foi o momento culminante desta semana, em que celebramos a Morte e a Ressurreição do Senhor. No Dia de Páscoa, pelas 10.00h, também houve Eucaristia.

FÉRIAS ESCOLARES — Durante duas semanas, a nossa Comunidade reuniu-se toda em Miranda do Corvo, pois os Rapazes que estudam em Coimbra regressaram. Alguns aproveitaram para fazer os trabalhos de casa com os Professores. Por outro lado, foi preciso contrariar a preguiça de alguns estudantes. Para além das obrigações domésticas, os pequenitos andaram a varrer os arruamentos; outros trataram o gado e tiraram

o estreme das ovelhas, cuidaram das batatas e foram para a mata.

A entrega das avaliações, na nossa Escola do 1.º Ciclo, foi a 30 de Março. Os Rapazes que a frequentam têm demonstrado francas melhorias, também devido ao seu acompanhamento no estudo.

FESTAS — No dia 27 de Março, sábado, a nossa Casa colaborou numa festa, no Coliseu do Porto. Deslocámo-nos todos com os nossos colaboradores, em vários veículos, desde a nossa Casa do Gaiato até à Cidade Invicta. Naturalmente, fomos guarnecidos com merendeiros para as duas viagens, acrescidos de uma merenda deixada por uma Amiga de Paços de Ferreira. A nossa participação foi brilhante e muito elogiada. Os *Batatinhas* apresentaram um conto tradicional, «O coelhinho branco», bem interpretado pelos seguintes «pequenos-grandes actores»: Aliu, Aiyune, Amadú, Arménio, Betinho, Diogo Silva, Diogo Madeira, Divino, Evguénio, Flávio, João, Joaquim, Joel, Luís, Malam, Rocha e Victório. Foi uma peça com muita cor, alegria e mensa-

gem: podemos contar com os pequeninos para mudar o mundo. Entretanto, foi representada também a peça «*O Zé das moscas*», interpretada por vários Rapazes: Belizário, Grazina, Diogo Silva, Feliciano, Igor, Joaquim, Natanael e Rui. A vivacidade, o humor e a actualidade do tema abordado deixaram o público bem disposto e a reflectir. Todos os que participaram neste espectáculo, subiram de novo ao palco para cantar o Hino dos Gaiatos de Miranda do Corvo, destacando nas suas mãos uma frase do nosso Pai Américo: *Eu quero os meus filhos no paraíso*. Também é justo destacar aqueles Amigos que ensaiaram os nossos Rapazes: Professores Paula, Paulo e Alberto. As senhoras Nazaré, Cecília, Graça, Alda e Odete cuidaram do guarda-roupa e do farnel. Regressámos a nossa Casa cansados, mas felizes!

Aproveitamos a oportunidade para relembrar a nossa Festa-Encontro, em Coimbra, no próximo dia 22 de Maio, Sábado, pelas 15.00h. Contamos com uma casa cheia, para aplaudir os nossos Rapazes, que irão agradecer aos nossos Amigos a sua presença, ao longo do ano. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Maurício Mendes

NOVAS ACTIVIDADES — Aos Domingos à tarde, vamos promover um torneio de cartas denominado «sueca». Se tens gosto e vontade, vem até à sede inscrever-te e darás o tempo por bem empregue. Haverá prémios para os melhores.

LOJA SOCIAL — Agradecemos as ofertas da benfeitora D. Conceição Sousa Couto Gomes Mourato, de Rio Tinto. Alguns amigos já nos ofertaram

algumas coisas em desuso mas ainda em bom estado para a futura loja social, como objectos de decoração e têxteis-lar, livros, cds, dvd's, quadros, medalhas, brinquedos, uma bicicleta, uma televisão, um frigorífico, um computador e colecções diversas.

Bem-hajam.

PASSEIO — O dia escolhido para a visita à Catedral de Santiago de Compostela foi o 1 de Maio (Sábado). Assi-

nala já na tua agenda e inscreve-te na sede — pois as inscrições são limitadas — ou pelos telefones 912163569-917414417.

A partida será na nossa sede (Paço de Sousa), pelas 07h30, com paragem no Porto, junto à Loja do Cidadão, pelas 08h00.

Recomenda-se que tragam boa disposição para um salutar convívio assim como farnel para partilhar ao almoço. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Aleluias

O Jardineiro que Maria Madalena encontrou vivo e cuida das Suas criaturas, também nos dá o Seu sorriso, pelas flores, a quem chora e O procura, de verdade. Pelo Caminho, vai-nos libertando das trevas e abre-nos a porta de uma vida nova. As flores são mais belas e úteis no Seu Jardim, em que todo o rebento humano tem aí o seu lugar de crescimento e paz.

As flores atraem naturalmente as laboriosas abelhas, que chegam a percorrer longas distâncias à procura dos pólenes. Também as crianças são seduzidas pelo seu perfume, pela cor e esperança no fruto.

Entre nós, alguns Rapazitos, como o Francisco, têm cedido à tentação de retirar algumas flores, encarnadas e brancas, como camélias, do nosso jardim, para companheiras da nossa Escola. Às violáceas, mais tenras, que têm persistido do Advento à Quaresma, nos vasos do átrio, não resistem outros, para brindarem a senhora.

Nesta época, o nosso pomar está revestido de tantos malmequeres que o seu encanto tem espantado a pequenada e provocado algumas correrias, para se deliciarem nessa manta de claridade.

Porque são cortadas as flores e, ao vê-las quebradas no chão, despertamos assim para a Vida?

É benéfica alguma austeridade, até em volta dos altares, notória na quarentena em que se prepara a Passagem libertadora da escuridão.

As amendoeiras, desta pátria, que cedo florescem, como que também participam da vitória de Cristo, “o Primogénito de entre os mortos” (Col 1,18).

Entre a profusão de flores primaverais, deixa-nos sempre admirados, na proximidade do tempo pascal, um modesto arbusto que floresce, em pequenos cachos, de minúsculas pétalas brancas, nesta altura. São as aleluias! Querem mesmo louvar o Eterno...

Junto à fonte, abundante, desta Casa, que vem de longe, encontra-se esta planta viçosa e bem florida, que também anuncia a alegria pascal.

No tempo de Jesus, foi uma grande multidão que se aproximou do Profeta de Nazaré, quando entrou em Jerusalém, num jumentinho, que pediu emprestado, manso e humilde, como um Inocente.

As crianças dessa região tiveram, nesse acontecimento, protagonismo, com os seus gritos de louvor; o que indignou alguns poderosos. E, hoje, a quem incomodam as crianças e todos os

débeis e frágeis? Da sua boca sai o louvor perfeito!

Era Domingo de Ramos e estivemos reunidos em volta do cruzeiro. Num cestinho de vime, juntámos um braçado de ramitos das nossas oliveiras, para que não nos falte a paz. Os mais pequenos, com galhardia, agarraram nas suas mãozitas ramagens e flores, colhidas nos campos. Alguns deles, de tez negra, fugiram às maleitas da guerra, doutro hemisfério. Todos estavam radiantes com este cenário, como eles dizem. E, nesse dia, não se olhou a tal transgressão, mas à sua animação.

Vimos também ramos de aleluias, nalgumas mãos que se aproximavam da Cruz. A quem as separou do arbusto, devemos uma explicação. Não podemos viver, com sentido, na terra, sem nos ligarmos à Fonte da esperança, na Ressurreição! □

PENSAMENTO

Senhor dos Céus, que estes inocentes que hoje têm medo não metam medo amanhã e assim Vos preguem. O mundo não quer medo, quer amor. Não quer temer, quer amar.

Pai Américo

MALANJE

Padre Rafael

«Com quem compararei o Reino de Deus»

COM todos aqueles que iniciam ou continuam trabalhando por um mundo onde o amor seja a única lei que julgue. Com aqueles que uns dias acordam totalmente fracassados e outros despertam cheios de esperança. Mas, sobretudo, com todos aqueles que continuam a surpreender-se ao ver que tudo se está transformando.

São onze da noite, Bártolo, Montse e eu preparamo-nos para ir descansar. Aparece o Adão Vitelo a dizer que o «Carianga» tem febre e que o «Tem-bicha» tem de tomar o remédio.

Enquanto Bártolo prepara os medicamentos, vou ver os meus filhos. Todos estão a dormir e alguns destaparam-se. Ao «Carianga» pergunto em que lado da cabeça lhe dói e ele diz «aqui e aqui e aqui». Na verdade, eu não entendo de medicina, mas parece-me que ele ficou mais tranquilo, pois seguramente pensou que tem os melhores médicos e enfermeiros do mundo. Finalmente digo

ao Adão que tem de colocar os mosquiteiros, e ele recorda-me que foram para lavar e que amanhã os colocará. Recordo-me daquela parábola do sementeiro que chegou a noite ia dormir e alguém durante o seu sono cuidava das pequenas plantas. E descobri-o, são os nossos Adão e Bernardo que, com os seus 14 anos, cuidam dos nossos «Batatinhas» em cada noite que dormimos.

Os dias vão passando e Bártolo corre em contra-relógio para terminar o telhado da casa dos Doentes da Carianga. Montse reúne-se com a Irmã Nati quase todos os dias, para lhe explicar o que está por vir. Eu, por minha parte, tento motivar os diferentes chefes sobre a necessidade de serem fiéis às suas responsabilidades.

Padre Telmo, continua apoiando-nos em tudo que necessitamos e fazendo algumas escapadelas até à Carianga para descansar e escrever alguns retratos da sua vida.

O governo de Angola prometeu o bilhete de identidade gratuito para todos os angolanos. Um dos nossos antigos gaiatos não quis perder a oportunidade, como tantos angolanos. Disseram-lhe que tinha de começar por registar-se na sua terra, pois que em princípio ele não existia nos arquivos. Começámos por ir à sua paróquia

para conseguir uma certidão de baptismo, que custou dez euros. Depois, fomos pedir o registo no novo livro, que custou 65 euros. Finalmente, pedimos uma cópia literal do documento para tratar do bilhete de identidade, que custou 54 euros. E com tudo isto pronto, ainda pagou mais três euros e, por fim, mais quatro euros para os custos do processamento do bilhete. O que quer dizer que para um indocumentado como este nosso gaiato a piada saldouse por 136 euros. Isto no pior dos casos, porque se tiverem tudo em ordem, em regra, são 61 euros.

Todas as indicações são de que tudo será significativamente mais caro e que lamentavelmente se está a entrar numa espiral de comércio que aumenta constantemente o preço de tudo. Em nossa Casa do Gaiato, temos de nos ir preparando para podermos fazer frente a esta situação. A única via possível é tentar produzir para pormos alguns produtos no mercado, pois os nossos Rapazes cada vez precisam de mais para se poderem formar e organizar a vida. Este ano, alguns deles, pela idade que têm, vão passar a estudar à noite e a trabalhar durante o dia. Apostamos na carpintaria, serralharia e agro-pecuária. □

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

ENTRE a urgência de escrever estas linhas, que o prelo informático não pode esperar, e a urgência de conhecer no seu meio aquela mulher e mãe que no fim-de-semana nos veio visitar, houve que escolher a primeira, na confiança de, no mesmo dia, ir cumprir a segunda.

Embora escolhendo a primeira realização, a preocupação fala mais da segunda.

Trata-se de uma mãe de três filhos pequeninos, todos abaixo dos sete anos de idade, com marido desempregado, dispondo a família de parques rendimentos, e com rendas de casa sucessivas em atraso. Tem-lhes valido o pai da cireneia, já nossa conhecida, que no-la trouxe e deu a conhecer, visto tratar-se do proprietário da casa onde habitam. Os meses vão passando, mas a compaixão é maior que o direito.

O medo de que lhes retirem os filhos, por viverem em situação tão precária, impede-os de recorrerem aos subsídios estatais de que poderiam usufruir. A dita cireneia é que a convenceu a deixar-se conduzir até nós, confiante de que ajuda animadora aqui poderia encontrar. «Antes viver assim do que perder os filhos», foi verdade atestada pelas lágrimas que incontinentemente rolaram em sua face à frente de nossos olhos incapazes de amarem tanto.

Têm sido em catadupa as situações urgentes carentes de ajuda, outras tantas que se dão a conhecer já no limite da resistência à privação.

Outra mãe, ainda nova, divorciada há meia dúzia de anos que, enquanto teve trabalho, foi conseguindo manter a casa e o necessário para ela e sua pequena filha. Mas de há tempos para cá a situação mudou e deixou de poder angariar o sustento, por falta de trabalho suficiente. Não tendo meios para o aluguer da casa, a electricidade e com a água já cortada, houve que entregar ao pai da menina a filha, até que voltem as condições para de novo viverem juntas.

O pároco confirmou a situação, e ele mesmo será testemunha do regresso à normalidade de vida desta mãe e desta filha. Uma normalidade aceite socialmente como tal, e tão comum nos nossos dias. Mas será humanamente normal uma criança viver e crescer com os seus pais separados, sem nunca sentir o aconchego familiar?

Se somos chamados a remediar estes males em desenvolvimento, também para a sua prevenção somos procurados. Quando se trata de cobrir a despesa da vacina que o Estado não paga, para os bebés dos nossos pobres, então é uma alegria dobrada que sentimos. Ela vem da serenidade em que os vemos, e da confiança que nesses momentos em nós nasce, por sabermos não virem no futuro a serem molestados.

Se a desigualdade é uma evidência social, não sejam os mais pequeninos a sofrer-lhe os efeitos. □

Senhor, chamai e permiti que sejais escutado!

Continuação da página 1

e limitações. Este reconhecimento, humilde, é uma base indispensável para não bloquear o diálogo, tanto mais que sabíamos estar face a alguém «em busca de ideal», com formação académica superior e não totalmente «inócua» quanto ao conhecimento da Obra da Rua. «Que sugeriria para melhorar?» Eis a pergunta que lhe colocámos. E, «esticando» um pouco mais..., «que poderia fazer, pessoalmente, numa linha de compromisso?...» E o remate final não poderia ficar para mais tarde: «Não quer vir experimentar?!»

Pareceu-nos excessiva a proposta. Mas diante de tanta curiosidade manifesta, era inevitável! Certo é que a resposta não se fez rogada: «que estava em diálogo com Deus... num contexto de direcção espiritual...» Nada mais acertado, comentámos intimamente... «que rezássemos também...» — pediu. É o que vamos fazer. Vamos rezar e recomendar porque Deus chama. De facto, quando alguém se deixa envolver — sem prejuízo da lucidez, sempre necessária e oportuna — passa a ser parte da solução... Só então estaremos capacitados para mudar o que quer que seja. Implicar-se é, de facto, o caminho mais contributivo para o *Kairos* — tempo de Deus. Voltámos, entretanto à sala de jantar.

O Maioral prepara-se para mandar levantar. Bate as palmas — silêncio espontâneo e consentido intimamente — «Graças Vos damos Senhor...»

Em silêncio, em nome de todos e com a Páscoa do Senhor já à porta: «Senhor, chamai e permiti que sejais escutado no coração de quem vos procura, com humildade, mansidão e paciência».

Padre João

**Tiragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Março,
48.600 exemplares**

BENGUELA

Padre Manuel António

A hora boa chegará

ESTOU a escrever à porta da Festa da Páscoa. Quando vossos olhos poisarem nestas notas, a pedra do Sepulcro foi revolvida. O Senhor ressuscitou. E agora? A vitória da Vida está completa? Não! Há tantos irmãos nossos que vivem sepultados. É nossa missão retirar os pedregulhos que impedem a sua ressurreição. Têm direito a gozar a vitória da vida digna de todo o ser humano. É a celebração da Páscoa.

Olhamos à nossa volta. Vemos uma seara humana tão grande a pedir trabalho de amor, sem limites! Alarga o teu coração de ressuscitado. Não o deixes encerrado no sepulcro do egoísmo, da indiferença, da passividade. Quem dera cada comunidade cristã, em qualquer parte do mundo, cuidasse dos seus membros mais necessitados. É a vitória da Ressurreição. São de

todas as idades. Há dias, um pobre homem veio bater-nos à porta, com o pé muito ferido. Necessitava de curativo permanente. A solução é na comunidade do bairro onde vive. Quis acompanhá-lo para o apresentar a quem de direito. Levou a ajuda necessária para o momento. As situações deste género não têm conta.

Os filhos não param de bater-nos à porta, para fazerem parte da nossa família. Alguns são para a nossa Casa. Outros devem permanecer onde estão. Os familiares devem convencer-se da necessidade da paciência, da perseverança, frutos do amor que é feito de sofrimento. Nesta hora da nossa vida, levamos a grande aflição pelo emprego para um grupo numeroso de rapazes mais velhos. É a hora de prepararem o salto para a sua autonomia. Deste

modo, poderemos atender outros filhos mais novos. Tem sido um trabalho difícil, pois as empresas, segundo dizem, estão a reduzir o número dos seus trabalhadores. Não desanimamos. A hora boa chegará.

A esperança da ajuda material necessária para a recuperação das residências dos rapazes contínua viva. É uma obra urgente e precisa. Apareceram sinais novos no horizonte. O oriente chinês visitou-nos. Viu, com admiração. Pegou no caderno e apontou tudo o que era necessário. Não ficou assustado. Mostrou vontade de levar, para a frente, tamanha aventura. Falta-nos, agora, ouvir a decisão. Este empreendimento tem um coração que ama muito as crianças da rua e é a alma de tão original iniciativa. Está em Benguela. É de Angola. É mulher e mãe. Será o foliar magnífico da Páscoa para a nossa Casa do Gaiato? Porém, no momento em que vos escrevo, conheço somente o nome lindo que tem: Esperança!

Fazemos votos para que todos vivais a Festa da Páscoa, cheios de Paz e Alegria! □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

PELAS cartas que recebo, pelos telefonemas ouvidos, pelas mensagens e e-mails que me chegam, sinto que o Reino de Deus, que Jesus pregou com supremo empenho, está próximo de quem comunga connosco das aflições dos pobres. Daí, este entusiasmo contagiante.

A maior parte, é gente simples, a viver na porta estreita e a economizar quanto podem, sacrificadamente, para repartir com largueza, como é próprio dos Justos.

Nas lições de Catequese com os Rapazes mais velhos, acabámos de analisar o discurso de Jesus, relatado por São Mateus, nos capítulos cinco, seis e sete.

Para ilustrar as várias recomendações da Sabedoria Divina, eu dou exemplo, aos Rapazes, daquela carta, daquele encontro, daquele telefonema, e actualizo assim, a acção do Espírito Santo, no coração dos fiéis, hoje.

A Igreja é uma Instituição Divina, criada por Jesus, mas animada, sempre, pelo Seu Espírito claro nos Evangelhos.

Não precisa de se preocupar demasiado com a garantia das suas estruturas, muito menos das materiais. Ela é de origem Divina. As forças do mal jamais A derrubarão. O Espírito do Reino de Deus, que Jesus viveu e ensinou — sim Esse — deverá preocupá-IA sempre e só Esse! A Obra da Rua tem essa experiência e o Património dos Pobres, confirma-o.

Senhora que se acompanha de outra, com manifestações exuberantes, pelo meu regresso a Setúbal, 500 euros.

Maria Oliveira, de Montemor, 50 euros, duas vezes. Adelino, de Coimbra, sempre presente, cento e trinta euros.

«Acabo de ler o último número d'O GAIATO que me chegou às mãos e não resisto à vontade cristã, enviar uma pequena ajuda para o Património dos Pobres», 50 euros.»

«Junto o postal, com duas assinaturas de pessoas também pobres, mas que do pouco sabem repartir».

De Vialonga, 50 euros, a pedir perdão por ser tão pouco e a beijar-me as mãos: «Faço o mesmo às suas, com igual sentimento, com que beijo o altar, antes do sacrifício».

De Almada, «pedindo as maiores bênçãos do Céu para a vossa Obra», 50 euros. Dolores, do Porto, «pequena migalha pelos seus Falecidos», 200 euros. «Tenho-os tido na Santa Missa».

«Gosto muito de o ler. Escreve com alma vibrante, vivida (...) todos os dias rezo uma novena ao Padre Américo.» 500 euros. De Cascais, a Maria Amélia: «Agradeço as vossas orações por mim e pelos meus».

Da paróquia de São Tomé de Mira, duzentos e cinquenta euros. E o João, da mesma vila, com amabilidade, põe no correio, mensalmente, um cheque de 100 euros. Rosa Maria, da Portela, enviando o número de contribuinte, mete na carta mais 50 euros.

Em vale, de Vila-Nova de Gaia, duzentos e cinquenta euros.

Senhora que se encontrou comigo, há muitos anos, em Lagos, nos meus peditórios de Verão, e tem estado muito doente, 500 euros; «Pelo Gaiato, descobri que temos uma maneira de ver as coisas, de modo muito semelhante! É a luz do Evangelho, sempre igual».

Afonso, de Coimbra, recusando recibo, não falha todos os meses, cem euros.

Alfredo, da Covilhã, fica triste por não puder ajudar, «junto uma pequena ajuda», cem euros. De São Pedro do Sul, «partilha de natal» 400 euros e mais duzentos e cinquenta: «de uma senhora a quem passo o Jornal e que deseja segredo».

«Para os que têm menos do que eu», 100 euros, da Maria Isaura. De A-dos-Cunhados, a tratar-nos por amiguinhos, duzentos e cinquenta euros. Mais 40 euros, da Senhora da Hora; e 100 de Cardigos: «Quem reza por nós diariamente». É o que nos vale — respondi.

Assinante 36543, «para as aflições a que o senhor tão abnega-

damente se dedica», cento e cinquenta euros. Maria Helena, de Cascais, e as suas amigas, continuam perseverantes, cento e setenta e nove euros. Maria Elisa, de Rio de Mouro, a perguntar-me como posso com tanto trabalho e responsabilidade, 50 euros. Com Deus, tudo podemos.

Duas irmãs, de Lisboa, octogenárias, cem euros. Do Doutor Adelino, duzentos e cinquenta euros e do Doutor Francisco, cem. «Uma gota de água», de Portalegre, trezentos e cinquenta euros. «Para ajudar nessa cruzada do bem fazer», de Mosteiró, cento e quarenta euros. Aguiar da Beira, cento e cinquenta euros. A Maria Susana é uma presença mensal, com 50 euros. E a Maria Teresa, do Porto, envia 100. O marido de uma grande amiga, agora no Céu, faz-se presente com 300 euros. Mais 20, do Porto, e 500 da firma David Moreira. De Fânzeres, 50 euros.

«Quem reza o rosário todos dias e vê muito sofrimento à minha volta; embora doente também», cem euros. E a mesma quantia da Guarda, a dizer-me, «Quando leio O GAIATO, guardo sempre o seu cantinho para o fim», numa carta cheia de carinho e amizade. Com muitas saudades do filho morto num acidente de moto, 500 euros. Temo-lo no altar do Senhor! E aos pais também!

Aldeia da Ponte, 100 euros. Ponte de Vagos, 100 euros, «Para podermos atenuar o sofrimento dos nossos irmãos». Amadora, com abraço fraterno, duzentos e cinquenta euros; de Beja, 500 euros; e outra vez Guarda, 90 euros.

Por transferência bancária, mensalmente, 100 euros, da Emília; e 70 do João Maria. Duzentos e cinquenta, do Alfredo David; dois mil, do Luís Gonzaga; mil, do José Rodrigues; e a mesma quantia da Maria Elisa.

A nova direcção postal do Património dos Pobres:

**Casa do Gaiato de Setúbal
Algerúz
2910-281 Setúbal. □**

REFLECTINDO

Padre Telmo

SENHOR Tu foste um poeta! O Teu Evangelho foi um cântico de poesia. Um rio de margens verdes! As tuas parábolas são cânticos poéticos: As searas ondulantes! O tesouro escondido! Quando te retiravas para orar, «adivinho», sentavas-te numa pedra a olhar para as estrelas.

«Sabeis quem deu mais? Foi aquela velhinha que pôs na sacola dois tostões».

Os discípulos, nos barcos, viram fogo na praia. Era Ele. Estava assando peixe. A luz e Sua imagem reflectidas na água... Os discípulos olhando a beleza! Quando chegaram comeram todos peixe assado.

Se fôssemos capazes de transmitir ao povo a poesia do Evangelho, a vida cristã teria a leveza de uma ave... Não seria mais um carrão pesado.

Naquele dia entraste em Jerusalém montado num burrito! Muitos garotos e alguns populares com ramos sem compreenderem bem o que se estava a passar...

Jesus, ó Rei! Ele o Filho de Deus? Foi mais um poema a embelezar o Evangelho.

Semeaste o caminho de ramos floridos — antes de o percorrer com a Cruz ao ombro.

* * *

Teu caminho é o da Luz. Somos morcegos; é da escuridão que nós gostamos. Como nos destes outros sentidos, vamos às apalpadelas, tacteando, ouvindo, à escuta. E tantas vezes cabeçadas nas paredes.

Tu sorris... Era tão bom e tão fácil se nós seguissemos a Tua luz e nesta luz os Teus passos... Sobranceiros, sabichões, passamos ao lado. Nós é que somos! Assim é que é! Às apalpadelas caímos na fossa. Fora de Ti, chafurdamos.

Nada no mundo nos pode libertar. Somente a Tua misericórdia.

* * *

Paixão

HENRI Nouwen, escritor e Teu amigo, nos mostra a Tua glória descendente.

Vou tentar definir em palavras o seu pensamento: Foste preso sem mais — nem crime nem julgamento! A Tua glória não coincidia com qualquer competição. O caminho dela continuou numa descida incontida: Flagelado, cuspidado, a realza da Tua coroa de espinhos, a sentença final pelo pobre Pilátos — condenação a morte na cruz. Descida total até ao fim do poço. Depois da Tua ressurreição, as Tuas chagas atestam o preço da Tua glória! Desceste a um farrapinho inútil pelo Teu infinito amor ao Pai e a nós! Obrigado.

* * *

O Senhor é duro. Verga o vime até ao máximo, depois o deixa balouçar na sua liberdade de beira rio.

«Vem e segue-me» — sem mais aquelas.

«Vende tudo o que tens.»

São Francisco ficou nu e entregou a roupa ao pai! Duro.

«Hipócrita! Lavas as tuas mãos tantas vezes e o teu coração está cheio de rapina.»

«Tira a trave do teu olho.»

Pilátos perguntou-lhe: «O que é a verdade». O Senhor endureceu o Seu semblante e não lhe respondeu.

«Porque me bates?» — Nem um só gesto de tristeza e timidez.

Depois de Pedro o ter negado, o Seu olhar esfarrapou-lhe a alma.

Momentos radicais — como setas — depois o convite maravilhoso do Seu doce olhar...

* * *

Tu vieste para nos servir — e deste a vida por nós!, que tamanha loucura! E gratuitamente — nada pediste em troca.

Somente Tua Mãe e poucos amigos Te acompanharam! Os outros fugiram com seus medos e suas lágrimas.

Depois ressuscitaste... O quê?

Os Teus amigos regressaram, deste-lhes o Teu espírito e ficaram loucos também! □